

A MISSÃO DOS DOZE

A conclusão do capítulo anterior também serve de introdução ao capítulo 10: “Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara” (Mateus 9:38). Jesus enviaria os doze numa comissão limitada ao povo judeu. Eles deveriam pregar que o reino estava próximo e validar a mensagem curando os doentes e expelindo demônios. A comissão de Jesus no capítulo 10 constitui o segundo maior discurso do relato de Mateus.

A maior parte das instruções de Jesus neste capítulo restringiu-se à missão limitada dos doze a Israel (10:5–15, 23). Todavia, algumas das instruções de Jesus foram de natureza mais geral (10:18, 22, 26, 28, 32). Elas apontavam para a futura grande comissão, que ordenaria a divulgação das boas novas sobre Cristo a todas as nações (28:18–20; Marcos 16:15, 16; Lucas 24:46, 47). Neste sentido, o capítulo 10 diz respeito à missão dos doze e também, em determinados aspectos, à missão da igreja¹.

Mateus parece ter um interesse maior pelas instruções de Jesus do que pela comissão limitada em si. Não há um relato específico a respeito da partida, do trabalho e da volta dos discípulos (veja Marcos 6:12, 13, 30; Lucas 9:6, 10). Após o discurso, Mateus disse que Jesus “partiu dali a ensinar e a pregar nas cidades deles” (Mateus 11:1)².

CONVOCANDO OS DOZE (10:1–4)

¹Tendo chamado os seus doze discípulos, deu-lhes Jesus autoridade sobre espíritos imundos para os expelir e para curar toda sorte de doenças e enfermidades.

²Ora, os nomes dos doze apóstolos são estes: primeiro, Simão, por sobrenome Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; ³Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; ⁴Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes, que foi quem o traiu.

Versículo 1. Jesus estivera juntando um grande número de discípulos de vários ramos de atividade. Passar tempo com eles deu a Jesus oportunidade para observar a conduta e o comportamento deles. Deste grupo maior (veja Lucas 10:1), Ele escolheu um pequeno grupo de homens para serem Seus **discípulos** mais próximos. A palavra “discípulo” (μαθητής, *mathētēs*) significa “aprendiz” ou “seguidor”. A seleção e a nomeação dos doze são descritas em Marcos 3:13–15 e Lucas 6:12, 13.

Esses homens não foram escolhidos com base em suas capacitações pessoais, méritos ou fidelidade, mas segundo a soberana vontade e propósito do Senhor. Eles foram escolhidos após uma noite de oração (Lucas 6:12). Embora Jesus provavelmente tenha feito isso em outras ocasiões, esta é a única em que as Escrituras dizem que Ele orou a noite inteira. A devoção de Jesus à oração naquela noite certamente ilustra quão crucial essa decisão era para Ele. Esses homens tinham falhas: faltava-lhes entendimento

¹Donald A. Hagner, *Matthew 1–13*, Word Biblical Commentary, vol. 33A. Dallas: Word Books, 1993, p. 262.

²Douglas R. A. Hare, *Matthew*, Interpretation. Louisville: John Knox Press, 1993, p. 113.

espiritual, humildade, fé, compromisso e poder. Todavia, estar com Jesus por mais de três anos transformou suas vidas.

Será que este texto de Mateus também se refere à seleção e nomeação dos doze? O verbo grego traduzido por “**tendo chamado**” (προσκαλέω, *proskaleo*) pode significar “convocar para uma tarefa ou ofício especial” (veja Atos 13:2; 16:10) ou “chamar para si”³. O segundo significado é mais frequente no Novo Testamento e pode ser o intencionado aqui. Em outras palavras, Jesus estava simplesmente chamando Seus discípulos – os quais Ele já escolhera de antemão – para Si, com o fim de enviá-los numa comissão limitada.

O fato de Jesus ter escolhido doze discípulos é de grande significância. Michael J. Wilkins acredita que “os doze simbolizam a continuidade da história da salvação no programa de Deus”⁴. No Antigo Testamento, os doze patriarcas (Gênesis 35:22; 42:13, 32) deram origem às doze tribos de Israel (Êxodo 24:4; 28:21). Há uma conexão entre os doze apóstolos e as doze tribos na declaração de Jesus de que Seus discípulos “se assentariam em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel” (19:28). E na visão da cidade celestial, os nomes deles estão inscritos nas pedras da fundação da nova Jerusalém (Apocalipse 21:14). Os discípulos de Jesus dariam origem à nova Israel (ou igreja), o verdadeiro povo de Deus (Romanos 2:28, 29; 9:6–8; Gálatas 3:29; 6:16; Filipenses 3:3; Tiago 1:1; 1 Pedro 1:1). De fato, a igreja foi “edificada sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular” (Efésios 2:20).

Antes desse chamado, Jesus havia ministrado praticamente sozinho. Os doze, juntamente com as multidões, O seguiram – porém, apenas como observadores, e não como participantes. Nesse momento, **deu-lhes Jesus autoridade** [ou “poder”]⁵ **sobre espíritos imundos para os expulsar e para curar toda sorte de doenças e enfermi-**

dades. A linguagem aqui relembra as descrições anteriores do ministério de Jesus (4:23; 9:35).

Considerando que se tratava de uma incumbência limitada, o poder que os doze possuíam pode ter durado apenas um curto prazo. Mais tarde, Jesus prometeu-lhes, pouco antes de voltar ao céu, que “receberiam poder, ao descer sobre [eles] o Espírito Santo” (Atos 1:8). Essa promessa incluía dois presentes: o primeiro era o Espírito Santo e o segundo era o poder que Ele concederia a eles. A promessa de Jesus cumpriu-se no dia de Pentecostes, após Sua ascensão (Atos 2:1–4). Um detalhe sobre esse poder: ele seria diferente do poder que eles receberam anteriormente: desta vez teriam a capacidade de conceder a outros os dons miraculosos do Espírito (Atos 8:14–19).

Versículos 2–4. Mateus alistou **os nomes dos doze apóstolos** antes de Jesus enviá-los. Segundo Lucas, quando Jesus escolheu esses discípulos anteriormente, deu-lhes “o nome de apóstolos” (Lucas 6:13). A palavra grega transliterada para “apóstolo” (ἀπόστολος, *apostolos*) só ocorre esta vez em Mateus, duas ou três vezes em Marcos (Marcos [3:14]⁶; 6:30), e uma vez em João (João 13:16). A maioria das ocorrências no Novo Testamento encontra-se nos escritos de Lucas e Paulo. “Apóstolo” está relacionado ao verbo ἀποστέλλω (*apostello*) e significa “escolhido e enviado”. Refere-se a uma pessoa que foi selecionada, incumbida e enviada com autoridade para agir em favor da pessoa que a enviou. Os doze tornaram-se embaixadores pessoais de Jesus para dar testemunho dEle, “tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra” (Atos 1:8). Marcos disse que eles foram escolhidos para “estarem com Ele” e para que “Ele os envia[sse] a pregar” (Marcos 3:14).

Era necessário ter certas qualificações para ser um apóstolo de Jesus. Os candidatos à sucessão de Judas, por exemplo, tinham que ter acompanhado os apóstolos “todo o tempo que o Senhor Jesus andou entre [eles], começando no batismo de João, até ao dia em que... foi levado às alturas” (Atos 1:21, 22). Outras passagens indicam que os apóstolos tinham que ter visto Jesus ressurreto (1 Coríntios 9:1) e ter sido escolhidos pelo Senhor (Efésios 4:11)⁷.

⁶Alguns manuscritos antigos não contêm a palavra *apostolos* em Marcos 3:14.

⁷O termo “apóstolo” é frequentemente usado para descrever Paulo, que foi escolhido e comissionado pelo Senhor

³Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3a. ed., rev. e ed. Frederick W. Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 881.

⁴Michael J. Wilkins, “Matthew” em *Zondervan Illustrated Bible Backgrounds Commentary*, vol. 1, *Matthew, Mark, Luke*, ed. Clinton E. Arnold. Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 2002, p. 67.

⁵Jesus deu aos Seus discípulos “autoridade” ou “poder” como o que Ele demonstrara nos capítulos anteriores (veja os comentários sobre 7:28, 29; 8:9).

O Novo Testamento contém mais três listas dos apóstolos (Marcos 3:16–19; Lucas 6:14–16; Atos 1:13). Quando as quatro listas são comparadas, há diferenças evidentes entre elas. Essas variações podem ser facilmente explicadas quando se admite que as pessoas costumavam ter mais de um nome. A ordem das listas também é levemente variada.

Em todas as listas, **Simão**, a quem Jesus chamou **Pedro**, aparece em primeiro lugar. Ele se destacou como líder entre os apóstolos, conforme evidenciam os Evangelhos e os primeiros capítulos de Atos. Na lista de Mateus, Pedro é sucedido por **André, seu irmão**. O chamado desses irmãos para que largassem suas redes de pesca foi registrado anteriormente no Evangelho (veja os comentários sobre 4:18–20). A seguir vem **Tiago, filho de Zebedeu**, juntamente com **João, seu irmão**. Jesus apelidou esses homens de “Filhos do Trovão” (Marcos 3:17). O chamado deles também foi registrado antes em Mateus (veja os comentários sobre 4:21, 22). Tudo indica que Pedro, Tiago e João eram os seguidores mais íntimos de Cristo. Esses três homens foram rotulados de “círculo íntimo”, pois foram os únicos privilegiados a acompanhar Jesus na ressurreição da filha de Jairo (Marcos 5:37), na transfiguração (17:1) e no jardim do Getsêmani (26:37).

Filipe é mencionado várias vezes no Evangelho de João (João 1:44–46; 6:5–7; 12:20–22; 14:8). Ele, assim como Pedro e André, era natural de Betsaida (João 1:44). Também foi ele quem levou Natanael até Jesus (João 1:45, 46). Visto que **Bartolomeu** aparece em seguida, alguns estudiosos acreditam que ele e Natanael são a mesma pessoa (João 1:45; 21:2). O nome “Bartolomeu” pode identificá-lo como filho de “Tolmai” ou “Ptolemi”⁸. **Tomé** também era chamado Dídimo (João 11:16; 20:24; 21:2); “Tomé” é um nome aramaico, ao passo que “Dídimo” é seu equivalente grego; ambos significam “gêmeo”. Daí, alguns comentaristas especulam que ele tinha um irmão gêmeo. **Mateus, o publicano**, também conhecido como “Levi” (Marcos 2:14), foi chamado por Jesus para ser um discípulo quando estava sentado na coletoria (veja os comentários sobre 9:9).

de modo singular (1 Coríntios 15:8–10). Além disso, a palavra também é usada com seu sentido mais amplo para denotar aquele que foi enviado por uma congregação (Atos 14:4, 14; 2 Coríntios 8:23; Filipenses 2:25; 1 Tessalonicenses 1:1; 2:6).

⁸Veja W. F. Albright and C. S. Mann, *Matthew*, The Anchor Bible. Garden City, N.Y.: Doubleday & Co., 1971, p. 117.

Tiago foi descrito como **filho de Alfeu** talvez para distingui-lo de seu ilustre homônimo, Tiago, filho de Zebedeu e irmão de João. Ele pode ser o mesmo homem chamado de “Tiago, o menor” (Marcos 15:40) ou “Tiago, o mais jovem” (NVI). Acredita-se que **Tadeu** e “Judas, filho de Tiago” sejam a mesma pessoa com base em outras listas de apóstolos (Lucas 6:16; Atos 1:13). Talvez “Tadeu” tenha sido usado por Mateus e Marcos para evitar confundi-lo com Judas Iscariotes; num trecho, João referiu-se a ele como “Judas, não o Iscariotes” (João 14:22). No lugar de “Tadeu” (Mateus 10:3; Marcos 3:18), alguns manuscritos antigos trazem “Lebeu”. **Simão, o zelote**, nesta passagem é mais literalmente “Simão, o cananeu”. Jack P. Lewis explicou: “Cananeu deriva de *kana*, uma palavra hebraica que significa ‘ser zeloso’⁹. Lucas usou a palavra grega ζηλωτής (*zēlōtēs*), transliterada para “zelote”, ao descrevê-lo (Lucas 6:15; Atos 1:13).

O nome **Judas Iscariotes** aparece por último em todas as listas, exceto em Atos 1:13, onde ele não foi incluído. A traição de Judas é mencionada no registro da escolha de seu sucessor, Matias, em Atos 1:25 e 26. A palavra “Iscariotes” pode significar “homem de Queriote”, cidade da Judeia (Josué 15:25)¹⁰. Nesse caso, Judas seria o único apóstolo que não era da Galileia. Outras sugestões de interpretação desse termo são: “assassino”, “traidor”, “rubro”, “ruivo”, “tintureiro de vermelho” e “carregador de bolsa de couro”¹¹. Vários manuscritos antigos referem-se ao pai de Judas Iscariotes como “Simão Iscariotes” (João 6:71). Judas era um ladrão (João 12:6) e foi **quem traiu** o Senhor. Em certa ocasião, Jesus comentou o seguinte sobre ele: “Não vos escolhi eu em número de doze? Contudo, um de vós é diabo” (João 6:70, 71).

Jesus escolheu esses doze homens com históricos tão variados. Embora tivessem muito em comum, possuíam temperamentos e aptidões diferentes. Pedro era o otimista impetuoso que muitas vezes falava antes de pensar (14:28; 26:33, 35). Tomé era um pessimista (alguns diriam, um realista) que queria provas antes de aceitar o que lhe era ensinado (João 11:16; 20:24, 25). Simão, o zelote, também era um inimigo declarado dos romanos e de seus reis marionetes, os Herodes, e odiava publicanos. Ironicamente, mais tarde, ele

⁹Lewis, p. 147.

¹⁰Havia outra cidade chamada “Queriote” em Moabe (Jeremias 48:24; Amós 2:2).

¹¹Hagner, p. 266.

se tornou companheiro de Mateus, o publicano [ou cobrador de impostos]. A grandeza de Jesus é vista no fato de que Ele agregou indivíduos diversos e moldou-os para que agissem como uma força evangelística unida. Juntos, eles “transtornaram o mundo” (veja Atos 17:6).

COMISSIONANDO OS DOZE (10:5–15)

⁵A estes doze enviou Jesus, dando-lhes as seguintes instruções: Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos; ⁶mas, de preferência, procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel; ⁷e, à medida que seguirdes, pregai que está próximo o reino dos céus. ⁸Curai enfermos, ressuscitai mortos, purificai leprosos, expeli demônios; de graça recebestes, de graça dai. ⁹Não vos provereis de ouro, nem de prata, nem de cobre nos vossos cintos; ¹⁰nem de alforje para o caminho, nem de duas túnicas, nem de sandálias, nem de bordão; porque digno é o trabalhador do seu alimento. ¹¹E, em qualquer cidade ou povoado em que entrardes, indagai quem neles é digno; e aí ficai até vos retirardes. ¹²Ao entrardes na casa, saudai-a; ¹³se, com efeito, a casa for digna, venha sobre ela a vossa paz; se, porém, não o for, torne para vós outros a vossa paz. ¹⁴Se alguém não vos receber, nem ouvir as vossas palavras, ao sairdes daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés. ¹⁵Em verdade vos digo que menos rigor haverá para Sodoma e Gomorra, no Dia do Juízo, do que para aquela cidade.

Depois de relatar que Jesus convocou Seus apóstolos (10:1) e de fornecer uma lista de seus nomes (10:2–4), Mateus incluiu as instruções específicas de Jesus para essa comissão limitada (10:5–15).

Versículos 5 e 6. Não há especificações sobre a partida, o trabalho missionário nem a volta dos apóstolos. Mateus simplesmente escreveu que **a estes doze enviou Jesus, dando-lhes as seguintes instruções.** O verbo grego traduzido por “enviou” (ἀποστέλλω, *apostellō*) está relacionado ao substantivo “apóstolo”. Marcos 6:7 indica que os apóstolos foram enviados “em pares”. O verbo vertido para “dando-lhes instruções” (παραγγέλλω, *parangellō*) aparece mais de trinta vezes no Novo Testamento, sendo traduzido de várias formas. É usado como um termo militar, um termo legal, um termo ético, um termo médico e uma referência aos padrões ou

técnicas aceitas. Contém a ideia de um dever obrigatório. A pessoa que estava sendo instruída era desafiada a obedecer.

Jesus ordenou aos doze: **“Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos; mas, de preferência, procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel”.** Essa restrição não se repete nos Evangelhos. Não foi uma exigência aos setenta discípulos posteriormente comissionados. Jesus estava enviando Seus apóstolos “para que o precedessem em cada cidade e lugar aonde ele estava para ir” (Lucas 10:1). A restrição imposta aos apóstolos era compatível com a descrição que Ele mesmo fez de Sua missão. Disse Jesus: “Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel” (15:24). Esta metáfora retrata o povo de Deus como ovelhas espalhadas nos montes (veja Isaías 53:6; Jeremias 50:6; Ezequiel 34:11–16; 1 Pedro 2:25). Robert H. Mounce viu “esse arrebanhar” como “o alvorecer da era messiânica”¹².

As diretrizes de Jesus restringiam os doze a irem somente até a população judaica. William Barclay observou: “Não podiam ir ao norte, até a Síria, muito menos ao leste, até Decápolis, que era uma região basicamente gentia”¹³. Eles também foram proibidos de ir para o sul e “entrar em cidade de samaritanos”. “O efeito dessa ordem é... limitar as primeiras viagens dos doze à Galileia”¹⁴. Em 10:23, Jesus disse que eles iriam “percorrer as cidades de Israel”, o que incluía mais do que a Galileia.

Por que essas limitações foram impostas aos apóstolos? São múltiplas as respostas. 1) O preconceito existente entre judeus e gentios e entre judeus e samaritanos¹⁵ era extremo. Obviamente, devemos lembrar que a missão de Jesus era levar salvação a todos os povos. Ele, por fim, enviou Seus discípulos a “todas as nações” e “a toda criatura” (28:19; Marcos 16:15). 2) Os judeus eram mais preparados para o reino que viria. Era melhor “que os trabalhadores fossem enviados so-

¹²Robert H. Mounce, *Matthew*, New International Biblical Commentary. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1991, p. 92.

¹³William Barclay, *The Gospel of Matthew*, vol. 1, 2a. ed., The Daily Study Bible. Filadélfia: Westminster Press, 1958, p. 1:373.

¹⁴Ibid.

¹⁵Os samaritanos só são mencionados uma vez em Mateus (10:5). Eram formados pela mistura de povos estrangeiros que se casaram com israelitas após o cativeiro assírio, em 722 a.C. (2 Reis 17:24; veja Neemias 13:23, 24). Os conflitos entre eles e os judeus remontam ao período pós-exílico (Esdras 4:1–24).

mente à parte da seara que estava pronta para a foice¹⁶. 3) O tempo dos apóstolos era limitado; não poderiam percorrer todas as cidades de Israel dessa vez. 4) A salvação era “primeiro para os judeus, depois para os gregos” (Romanos 1:16). O evangelho só foi pregado ao mundo gentio quando os judeus já tinham tido primeiramente a oportunidade de ouvi-lo (Atos 10).

Versículo 7. Os apóstolos não receberam apenas uma missão, também receberam uma mensagem. Quando saíssem a pregar, deveriam dizer às pessoas: **“Está próximo o reino dos céus”**. Embora fosse essa a mensagem central, sem dúvida, eles também explicaram detalhadamente o que ela significava. Essa foi essencialmente a mesma mensagem que João e Jesus pregaram (veja os comentários sobre 3:2; 4:17). Dizer que o reino estava “próximo” significava que ele ainda não havia chegado, mas que estava se aproximando rapidamente. Em poucos anos após essa proclamação, o reino de fato chegou – com poder – em cumprimento às profecias de Jesus (Marcos 9:1; Atos 1:8; 2:1–4, 29–36). Dizer, hoje, que o reino não chegou ou ensinar que ele chegará num futuro distante é negar os ensinamentos autênticos do Novo Testamento (1 Coríntios 15:24, 25; Colossenses 1:13; Hebreus 12:28; Apocalipse 1:9; veja os comentários sobre 6:10).

Versículo 8. Os apóstolos não deveriam apenas pregar, mas também deveriam realizar os milagres que mostrariam a compaixão do evangelho e confirmariam sua veracidade; eles iriam **curar enfermos, ressuscitar mortos, purificar leprosos, [e] expelir demônios**. Jesus já havia curado doentes (4:23, 24; 8:5–16; 9:1–8, 20–22, 27–31, 35), ressuscitado mortos (9:18–26), purificado um leproso (8:1–4) e expelido demônios (4:24; 8:16, 28–34; 9:32–34). Os apóstolos andariam nas pegadas de Jesus.

Esses milagres serviriam de sinais para confirmar a mensagem dos apóstolos (Marcos 16:17, 18; Hebreus 2:3, 4). Não deveriam ser feitos meramente com o propósito de demonstrar o poder de seus operadores, mas com o propósito de estabelecer que a mensagem pregada procedia de Deus. Os outros Evangelhos deixam claro que os doze – e, mais tarde, os setenta – tinham realmente poder para curar doentes e expelir demônios (Marcos 6:12, 13; Lucas 9:6; 10:17). O Livro de

Atos também registra dois exemplos dos apóstolos ressuscitando mortos (Atos 9:36–43; 20:9–12).

Jesus disse aos apóstolos: **“De graça recebestes, de graça dai”**. Eles receberam esse poder miraculoso sem custo algum. Ele foi concedido gratuitamente e deveriam exercê-lo sem cobrar nada de ninguém que dele necessitasse. Impositores fingiam possuir grandes poderes e usavam de fraude para obter lucro pessoal (veja 7:15–23). Simão, o mágico, e Elimas (Bar-Jesus) eram esse tipo de gente (Atos 8:9–13, 18–24; 13:6–12). Os evangelistas são dignos do sustento que recebem (10:10; 1 Coríntios 9:8–14), porém não devem vender seus serviços. O homem que serve a igreja como presbítero não deve ser “avarento” (“não apegado ao dinheiro”; NVI) nem “cobiçoso de torpe ganância” (“ávido por lucro desonesto”; NVI) (Tito 1:7; veja 1 Pedro 5:2).

Versículos 9 e 10. Os apóstolos não deveriam cobrar dinheiro por seus serviços, nem deveriam juntar dinheiro para pagar suas despesas. Jesus disse: **“Não vos proveireis de ouro, nem de prata, nem de cobre nos vossos cintos”**. Neste contexto, “ouro”, “prata” e “cobre” referem-se aos tipos de moeda; ouro é a mais valiosa e cobre, a menos valiosa. “Cintos” denota “o costume antigo de enfiar dinheiro dentro do cós”¹⁷.

Os apóstolos também foram instruídos a não levar **alforje para o caminho**. A palavra grega para “alforje”, *πήρα* (*pēra*), poderia se referir a um tipo de bolsa em que os mendigos colocam as esmolas recebidas. Visto que Jesus já havia mencionado o “cinto”, a referência poderia ser ao saco em que os alimentos geralmente eram transportados¹⁸. Marcos e Lucas relataram que os doze não deveriam levar consigo nem pão nem dinheiro (Marcos 6:8; Lucas 9:3). Portanto, deveriam sair sem alimento nem dinheiro para comprá-lo. Deveriam depender totalmente de Deus e da generosidade de outros¹⁹.

Jesus disse para não levarem **duas túnicas, nem sandálias, nem bordão**, o que mostra a natureza temporária da missão. A palavra grega para “túnicas” (*χιτών*, *chitōn*) equivale a “camisas”

¹⁷Mounce, p. 92.

¹⁸Bauer, p. 811.

¹⁹Pode-se fazer um paralelo com os essênios, que eram extremamente hospitaleiros com os membros de sua própria seita. Josefo relatou: “Por essa razão, nada levavam consigo quando viajavam a partes remotas, exceto suas armas por medo de ladrões” (Flávio Josefo, *Guerras* 2.8.4).

¹⁶J. W. McGarvey, *The New Testament Commentary*, vol. 1, *Matthew and Mark*. S.p., 1875; reimpressão, Delight, Ark.: Gospel Light Publishing Co., s.d., p. 89.

(veja os comentários sobre 5:40). Estaria Jesus dizendo que eles não deveriam calçar sandálias e andar descalços? Pelo contrário, Marcos 6:9 diz que eles deveriam calçar “sandálias”. Mateus e Marcos usam palavras diferentes. Alguns comentaristas dizem que o termo de Mateus (ὑπόδημα, *hupodēma*) refere-se a “sapatos”, e o de Marcos (σανδάλιον, *sandalion*) denota “sandálias”²⁰. Independentemente disso, a ideia é que não deveriam levar roupas nem sapatos *sobressalentes*, mas deveriam usar somente o que tinham no corpo e nos pés. Jesus também lhes disse para levarem apenas um bordão (Marcos 6:8). O bordão era usado para defesa e para apoio na caminhada; Jesus não os enviou indefesos. Sandálias e um bordão eram os acessórios básicos de um viajante (Êxodo 12:11).

Jesus não estava promovendo o estilo de vida ascético; Ele estava ensinando os discípulos a dependerem de Deus²¹. Mais tarde, em preparação para a grande comissão, essas proibições foram suspensas pelo Senhor (Lucas 22:35, 36).

Depois de passar as instruções, Jesus explicou: “**Porque digno é o trabalhador do seu alimento**”. A palavra usada aqui para “alimento” é, τροφή (*trofē*). Esse provérbio também aparece em Lucas, quando Jesus enviou os setenta (Lucas 10:7). Entretanto, o termo usado ali foi “salários” (μισθός, *misthos*).

Embora os apóstolos não deveriam vender seus serviços, deveriam ser sustentados pelas pessoas a quem ministrassem. Dependeriam de Deus e do Seu povo para sobreviver. Essa exigência ainda está em vigor, pois Paulo deu a mesma ordem a congregações da igreja do Senhor (1 Coríntios 9:8–14; Gálatas 6:6). Não eram só os evangelistas do primeiro século que deveriam ser sustentados, mas os presbíteros que serviam em “tempo integral” também deveriam ser considerados “dignos de dobrados honorários”; eram “dignos de seus salários” (1 Timóteo 5:17, 18).

Versículo 11. A referência a **todas as cidades e povoados** lembra o ministério de ensino e cura de Jesus, o qual percorreu “todas as cidades e povoados” (9:35). Quando os apóstolos visitas-

sem esses lugares em seu ministério de pregação, deveriam procurar hospedagem com pessoas de boa reputação. O adjetivo **digno** (ἄξιος, *axios*), que também aparece no versículo 10, refere-se a quem é adequado e merecedor. Tais indivíduos tinham que ser hospitaleiros e receptivos à mensagem dos apóstolos – ou seja, pessoas de elevada moral e caráter espiritual. Hospedar-se na casa de pessoas com reputação imoral poderia por em jogo a missão.

Tendo encontrado uma pessoa digna, deveriam ficar na casa dessa pessoa durante toda a visita àquela cidade. Em vez de procurar acomodações melhores – “a mudar de casa em casa” (Lucas 10:17) – deveriam se contentar. Era uma questão de cortesia para com o anfitrião.

Hospitalidade espontânea não era uma expectativa irracional para aquele tempo e cultura²². O Novo Testamento elogia e ilustra a hospitalidade cristã em muitas cartas (Romanos 12:13; 1 Timóteo 3:2; Tito 1:8; Hebreus 13:2; 1 Pedro 4:9; 3 João 5–8).

Versículos 12 e 13. Jesus até instruiu os apóstolos sobre o que dizer quando entrassem **na casa**. Neste caso, o artigo definido é importante. Deveriam **saudar** a casa na qual entraram. A saudação judaica tradicional era *Shalom*, ou “Paz [esteja sobre você]” (veja Juízes 19:20; 1 Samuel 25:6; Salmos 122:7, 8; João 20:19, 21, 26). Este termo forte denotava “paz”, “bem-estar”, “saúde” e “prosperidade”. O NTJ traduz estes versículos por: “Ao entrarem na casa de alguém, digam: ‘*Shalom aleikhem* [Paz seja sobre você]!’ Se a casa for digna, que a *shalom* de vocês permaneça sobre ela; se não for, que a *shalom* retorne para vocês”. Jesus vislumbrou duas situações diferentes, uma em que os apóstolos julgariam corretamente que **a casa era digna** e outra em que a julgariam indigna. No primeiro cenário a saudação de paz deveria permanecer. No segundo, deveria ser tomada de volta.

Versículo 14. Sempre que os apóstolos fossem rejeitados numa casa ou cidade, deveriam **sacudir o pó [de seus] pés**. David Hill observou: “Não deveria restar nenhum vestígio de associação com a casa ou a cidade”²³. O ato em si era uma forma de dizer que a pessoa em pé estava pisando em solo “pagão”²⁴. Os judeus costumavam tirar o pó dos pés depois de passar por uma região gentia, ao

²⁰Veja John Lightfoot, *A Commentary on the New Testament from the Talmud and Hebraica: Matthew—1 Corinthians*, vol. 2, *Matthew—Mark*. Oxford: Oxford University Press, 1859; reimpressão, Grand Rapids, Mich.: Baker, 1979, pp. 183–85.

²¹David Hill, *The Gospel of Matthew*, The New Century Bible Commentary. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1972, p. 186.

²²France, p. 181.

²³Hill, p. 187.

²⁴Mounce, p. 93.

voltar para sua terra, com medo de contaminá-la com pó impuro (veja Amós 7:17)²⁵. Paulo e Barnabé sacudiram o pó de seus pés quando foram rejeitados por Judeus em Antioquia da Pisídia (Atos 13:50, 51). Paulo sacudiu as vestes contra os judeus de Corinto que “se opuseram e blasfemaram”, dizendo: “Sobre a vossa cabeça, o vosso sangue! Eu dele estou limpo e, desde agora, vou para os gentios” (Atos 18:6). No caso em questão, o ato simbólico dos apóstolos também serviria de “testemunho contra eles” (Marcos 6:11).

Versículo 15. Jesus disse que **menos rigor** haveria **para Sodoma e Gomorra, no Dia do Juízo, do que para aquela cidade**, incluindo toda cidade que rejeitasse Seus apóstolos (veja os comentários sobre 11:20–24). “Menos rigor” é uma expressão que Jesus usou “para exprimir a temida condenação que sobreviria às cidades que O rejeitaram”²⁶. Sodoma e Gomorra foram “cidades de iniquidade proverbial” destruídas por Deus²⁷.

O ponto principal da afirmação de Jesus é que oportunidade equivale a responsabilidade (veja Lucas 12:48). As cidades da época de Jesus tiveram uma oportunidade muito maior para crer e se arrepender do que Sodoma e Gomorra tiveram; portanto, o julgamento seria mais rigoroso para elas. Como o julgamento de Deus pode ser mais tolerante com alguns do que com outros? Aqueles que rejeitaram o evangelho que Jesus pregou tiveram uma oportunidade maior do que as cidades iníquas do Antigo Testamento. Por que Sodoma e Gomorra foram consideradas menos iníquas do que as cidades e os povoados em que os apóstolos pregaram? O motivo deve ser ignorância. As cidades da época de Jesus pecaram contra o ministério da grande luz de Jesus²⁸.

ADVERTINDO OS DOZE (10:16–23)

¹⁶Eis que eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos; sede, portanto, prudentes como as serpentes e simplices como as pombas. ¹⁷E acautelai-vos dos homens; porque vos entregarão aos tribunais e vos açoitarão nas suas sinago-

²⁵Veja Talmude, *Nedarim* 53b; *Sanhedrin* 12a.

²⁶H. Leo Boles, *A Commentary on the Gospel According to Matthew*. Nashville: Gospel Advocate Co., 1936, p. 226.

²⁷Gênesis 13:13; 19:24, 25; Deuteronômio 32:32; Isaías 1:10; Ezequiel 16:46, 48, 49; Mateus 11:22, 24; Lucas 10:12; 17:29; Romanos 9:29; 2 Pedro 2:6; Judas 7.

²⁸James Burton Coffman, *Commentary on Matthew*. Austin, Tex.: Firm Foundation Publishing House, 1977, p. 136.

gas; ¹⁸por minha causa sereis levados à presença de governadores e de reis, para lhes servir de testemunho, a eles e aos gentios. ¹⁹E, quando vos entregarem, não cuideis em como ou o que haveis de falar, porque, naquela hora, vos será concedido o que haveis de dizer, ²⁰visto que não sois vós os que falais, mas o Espírito de vosso Pai é quem fala em vós.

²¹Um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai, ao filho; filhos haverá que se levantarão contra os progenitores e os matarão. ²²Sereis odiados de todos por causa do meu nome; aquele, porém, que perseverar até ao fim, esse será salvo.

²³Quando, porém, vos perseguirem numa cidade, fugi para outra; porque em verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel, até que venha o Filho do Homem.

Desde o começo do ministério de Jesus, pessoas se opuseram a Ele. Quando Ele comissionou Seus apóstolos, advertiu-os de que enfrentariam o mesmo tipo de hostilidade. Os versículos 16 a 23 descrevem a perseguição que enfrentariam, a orientação que receberiam e as circunstâncias sob as quais fugiriam em vez de ficar numa cidade hostil.

Versículo 16. Jesus disse: **“Eis que eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos”**. “Ovelhas” são os animais mais dependentes. Sem defesas naturais, elas entram em desespero e facilmente se amedrontam. “Lobos” eram os piores inimigos das ovelhas na Palestina. Jesus não estava falando de animais aqui; Ele estava simplesmente usando-os como ilustrações de como as pessoas às vezes se comportam. Seus apóstolos eram as ovelhas, e seus inimigos eram os lobos. Wilkins salientou: “Jesus inverte a metáfora. Antes disso os discípulos deveriam ir até as ovelhas (9:36; 10:6), mas agora eles é que eram as ovelhas andando entre lobos”²⁹. Os doze estavam sendo enviados a um mundo de predadores (veja 7:15; João 10:10, 12; Atos 20:29). Seriam caçados como presas por todos os inimigos de Cristo.

Por isso Jesus admoestou-os: **“Sede, portanto, prudentes como as serpentes e simplices como as pombas”**. Talvez esses dizeres fossem de um provérbio. Na literatura rabínica, um adágio semelhante é atribuído a Deus. Falando dos israelitas, Deus teria dito: “Diante de mim, eles são inocentes como pombas, mas para as nações são

²⁹Wilkins, p. 69.

astutos como serpentes”³⁰. As pombas, possivelmente desde o tempo de Noé, são vistas como símbolo de paz, inocência e pureza. Elas também são criaturas muito indefesas e são presas fáceis para predadores. “Serpentes”, desde a antiguidade, são conhecidas por sua astúcia e sabedoria (veja Gênesis 3:1); muitas delas são venenosas e extremamente perigosas. “Os discípulos de Jesus precisam de toda a sabedoria proverbialmente atribuída às serpentes, porém a astúcia para fraudar e enganar devem ser substituídas pela inocência inofensiva e gentil atribuída às pombas.”³¹

Embora não devessem agir como estrategistas militares, os apóstolos deveriam usar de sabedoria ao lidarem com outros homens. Deveriam estar cientes da oposição que certamente viria, e tinham que se preparar para lidar com ela de um modo construtivo. O reino de Deus não deveria se espalhar pela força da espada de um combate carnal, mas pela “espada do Espírito, que é a palavra de Deus” (Efésios 6:17; veja Mateus 26:51–54; João 18:36; Hebreus 4:12).

Vários grupos se tornariam inimigos dos apóstolos. A oposição em si viria de três cantos diferentes: o sistema religioso vigente (10:17), as autoridades civis (10:18) e membros da família (10:21).

Versículo 17. Em primeiro lugar, a oposição viria do sistema religioso vigente. Jesus advertiu: **“E acautelai-vos dos homens; porque vos entregarão aos tribunais e vos açoitarão nas suas sinagogas”**. Os “tribunais” mencionados por Mateus não eram simples tribunais civis. Nessa ocasião, os doze só iriam a cidades judias. Israel era uma teocracia governada por Deus; a constituição deles era a Lei que Deus dera através de Moisés. Sendo assim, autoridades religiosas também julgavam questões civis. O termo “tribunais” (συνέδριον, *sunedrion*) refere-se a concílios judaicos locais (sinédrios) compostos por vinte e três membros, embora só três desses juízes fossem necessários para se formular uma decisão³². Wilkins escreveu:

Depois que um caso era julgado no tribunal de juízes, faziam o réu culpado deitar-se em frente ao juiz e ser açoitado. O número-padrão de chi-

³⁰Rabbah *Cântico dos Cânticos* 2.14.1.

³¹Gerhard F. Hasel, “Dove”, em *The International Standard Bible Encyclopedia*, rev. ed., Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1979, vol. 1, p. 988.

³²Mishná, *Sanhedrin* 1.2.

batadas era quarenta, embora este pudesse ser ajustado conforme o crime. Porém, não eram permitidas mais que quarenta chibatadas, pois mais do que isso seria desumano (Deuteronômio 25:1–3). O número normalmente aplicado era quarenta menos uma, caso errassem na contagem [Mishná, *Makkoth* 3.2, 10; veja 2 Coríntios 11:24].³³

As “sinagogas” não eram usadas apenas como casas de adoração, mas também como lugares onde se administrava justiça (veja 23:34).

Versículo 18. Em segundo lugar, surgiria oposição das autoridades civis. Jesus disse: **“Por minha causa sereis levados à presença de governadores e de reis, para lhes servir de testemunho, a eles e aos gentios”**. Essa advertência estendeu-se além da comissão limitada, referindo-se principalmente a acontecimentos que ocorreriam nos primórdios da igreja, depois de ser dada a grande comissão (28:18–20). Seria inevitável a confrontação com governantes gentios devido à situação política. Ainda que Roma tivesse concedido aos judeus considerável latitude em questões legais relativas a religião, eles não tinham permissão para julgar casos mais graves, passíveis de pena de morte (veja os comentários sobre 1:19; 12:14). Embora os judeus constantemente violassem essa restrição, era esse o regulamento sob o qual eram governados³⁴. Em Atos, a perseguição dos judeus levou Paulo a ser julgado perante “governadores” romanos; a saber, Félix e Festo (Atos 24; 25). Ele também compareceu perante Agripa (Atos 25:23). Julgamentos como esses deram aos cristãos do primeiro século a oportunidade de dar testemunho de Cristo.

A perseguição contra os cristãos primitivos partiu inicialmente dos judeus, porém, mais tarde, tornou-se uma obstinação, sobretudo, do governo romano. Tácito escreveu, a respeito da perseguição empenhada por Nero em 64 d.C., que os cristãos eram “uma classe odiada por suas abominações” e especialmente por seu “ódio pela humanidade”³⁵. Parte dessa inimizade com os cristãos devia-se a acusações falsas levantadas contra eles. Eram acusados de canibalismo porque falavam de comer o corpo de Cristo e beber o Seu sangue. Eram acusados de imoralidade

³³Wilkins, p. 69.

³⁴Os julgamentos de Jesus são prova deste princípio em ação. Ele foi julgado primeiramente em Jerusalém pelo Sinédrio, mas também foi examinado por Herodes e, finalmente, condenado à morte pelo procurador romano Pôncio Pilatos (Lucas 22:54–23:25).

³⁵Tácito, *Annals* 15.44.

porque participavam de festas de amor (*ἀγάπη, agapē*). Eram acusados de “incendiários” porque seus pregadores ilustravam o mundo se acabando num holocausto incendiário (de fogo). Eram acusados de serem cidadãos desleais porque se recusavam a prestar qualquer juramento a César como seu Senhor ou a lutar pela glória de Roma. Todas essas acusações eram infundadas e sem provas, mas o fato de acreditarem nelas foi a causa, ou talvez a justificação, para grande parte da perseguição investida contra eles.

Versículos 19 e 20. Nestes versículos foi feita uma promessa aos apóstolos, e não à era cristã. Quando fossem levados perante os tribunais, não precisariam **cuidar em como ou o que haveriam de falar** em resposta às acusações feitas contra eles. Jesus prometeu-lhes: **“Naquela hora, vos será concedido o que haveis de dizer”**. Essa foi a primeira promessa de assistência da parte do Espírito Santo nos relatos do Evangelho (veja Marcos 13:11; Lucas 21:14, 15; João 14:15–17, 26; 15:26, 27; 16:13–15). Esses homens seriam inspirados pelo **Espírito** a responder em defesa própria. James Burton Coffman referiu-se a esse texto como “uma das declarações mais fortes do Novo Testamento sobre a inspiração que guiou os apóstolos a toda a verdade”³⁶.

Versículo 21. Em terceiro lugar, a oposição viria dos próprios familiares dos cristãos: **“Um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai, ao filho; filhos haverá que se levantarão contra os progenitores e os matarão”**. Esta advertência parece de natureza geral e não há provas de que os apóstolos foram maltratados por seus próprios familiares. Todavia, essa oposição de parentes é uma ameaça possível a todos que seguem a Cristo.

Alguns rabinos pensavam: “Na geração em que o Messias vier, jovens insultarão os velhos... filhas se levantarão contra as mães, e noras contra sogras”³⁷. No contexto de Mateus, membros da família “entregariam” (*παραδίωμι, paradidomi*) os parentes crentes às autoridades (veja 10:17), de modo que estes seriam mortos.

A intenção do evangelho de Cristo é unir as pessoas, no entanto, a consequência de pessoas rejeitarem o evangelho é divisão até entre familiares. Jesus também ensinou:

Supondes que vim para dar paz à terra? Não, eu

³⁶Coffman, p. 137.

³⁷Talmude, *Sanhedrin* 97a.

vo-lo afirmo; antes, divisão. Porque, daqui em diante, estarão cinco divididos numa casa: três contra dois, e dois contra três. Estarão divididos: pai contra filho, filho contra pai; mãe contra filha, filha contra mãe; sogra contra nora, e nora contra sogra (Lucas 12:51–53; veja Mateus 10:35, 36).

Versículo 22. Jesus disse a Seus seguidores: **“Seis odiados de todos por causa do meu nome”**. Neste caso, “todos” não deve ser interpretado literalmente. É um exemplo de hipérbole e pode incluir todos os tipos, raças e classes de pessoas. “Por causa do meu nome” ou “por amor ao meu nome” poderia significar que eles seriam odiados porque o próprio Cristo foi odiado (João 15:18–25) ou que eles seriam odiados porque levavam o nome d’Ele – ou seja, “cristãos” (1 Pedro 4:14–16). Wilkins observou que “por causa do meu nome” “é uma expressão cristológica importante (cf. 5:11; 24:9) que remonta à significância veterotestamentária do nome de Deus, representando Sua pessoa como o único centro de adoração e sujeição de Israel (e.g., Êxodo 3:15; 6:3; 9:16; 20:7)”³⁸.

A despeito dos dissabores que Seus seguidores pudessem enfrentar no mundo, Jesus fez uma promessa encorajadora: **“Aquele, porém, que perseverar até ao fim, esse será salvo”**. A palavra grega para “fim” (*τέλος, telos*) tem gerado especulações precipitadas sobre o fim dos tempos. Como Jesus poderia estar Se referindo ao fim dos tempos, se esta declaração dizia respeito primeiramente aos apóstolos? Mesmo se aplicarmos essa promessa aos cristãos de todos os tempos, isso significaria que eles teriam que viver até o fim dos tempos para serem salvos? Com certeza, não! *Telos* não vem acompanhado de artigo aqui. O vocábulo não significa “até o fim dos tempos” (veja 24:13; 1 Coríntios 13:7; Apocalipse 3:11)³⁹. Poderia significar “até o fim da missão deles”, porém é mais provável que se refira ao “fim da vida”⁴⁰ (veja Apocalipse 2:10).

Versículo 23. Jesus continuou: **“Quando, porém, vos perseguirem numa cidade, fugi para outra”**. Neste contexto, essa instrução ainda se refere ao ministério dos apóstolos. Eles já haviam ouvido que, se não fossem bem recebidos numa cidade, deveriam “sacudir o pó dos pés” (10:14). Certa-

³⁸Wilkins, p. 69.

³⁹Lewis, p. 152.

⁴⁰Albert Barnes, *Notes on the New Testament: Matthew and Mark*, ed. Robert Frew. Filadélfia: S.p., 1832; reimpressão, Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1974, p. 113.

mente Jesus estava dizendo que, se encontrassem atitudes e atos hostis em determinada cidade, não deveriam ali ficar e tentar amenizar a situação; ao contrário, deveriam mudar imediata e calmamente para outra cidade. Depois que a igreja foi estabelecida, Paulo seguiu essa prática em suas viagens missionárias (Atos 14:1-7; 17:1-10).

Jesus prosseguiu dizendo: **“Porque em verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel, até que venha o Filho do Homem”**. A expressão “até que venha o Filho do Homem” nos desafia quanto ao seu significado. Cinco possibilidades são dignas de consideração:

1. A expressão pode se referir à ida de Jesus até as cidades pouco depois que os apóstolos as visitassem (11:1; veja Lucas 10:1). Talvez esta seja a interpretação mais simples e provável.

2. Outra interpretação começa com Daniel 7:13 e 14, a primeira passagem das Escrituras a mencionar a vinda do “Filho do Homem”. A cena descreve profeticamente a coroação de Cristo. Portanto, se Daniel 7:13 e 14 for usado para dar sentido à afirmação de Jesus, Ele estaria indicando a Sua entrada no Seu reino no dia de Pentecostes (16:28; Atos 2:36). Nessa hipótese, nosso Senhor estaria se referindo a um tempo que aconteceria dentro de alguns anos. Em outras palavras, Jesus estaria dizendo: “Até o tempo em que vocês tiverem chegado a todas as cidades do nosso ministério, o Filho do Homem virá com o Seu reino”.

3. Jesus poderia estar apontando para a Sua vinda em juízo contra Israel, quando Jerusalém fosse destruída pelo exército romano, em 70 d.C. Contudo, se fosse assim, Ele estaria se referindo a um acontecimento que só ocorreria dali a uns quarenta anos. Esta hipótese aparentemente excederia a cronologia indicada por Jesus.

4. Um quarto ponto de vista, também baseado em Daniel 7:13 e 14, é aplicar a expressão à segunda vinda de Cristo. Mais uma vez, essa sugestão parece muito distante da cronologia apontada por Jesus.

5. Uma interpretação obviamente errada desta expressão é a dedução de que Jesus estava se referindo a Ele voltar a reinar na terra física. Segundo essa sugestão, antes que os apóstolos chegassem a todas as cidades, o Filho do Homem voltaria para reinar sobre essas cidades. Em primeiro lugar, o Novo Testamento jamais retrata Jesus voltando para reinar nesta terra. Em segundo lugar, quando Ele voltar, levará os salvos para o

céu para viverem com Ele ali (veja João 18:36; 1 Tessalonicenses 4:16-18).

LIÇÕES

A COMISSÃO LIMITADA

(Cap. 10)

Pode-se elaborar uma lição baseada em todo o capítulo com as seguintes divisões: 1) Jesus chama os apóstolos (10:1-4); 2) Jesus comissiona os apóstolos (10:5-15); 3) Jesus adverte os apóstolos (10:16-23) e 4) Jesus ensina os apóstolos (10:24-42).

David Stewart

EXTENSÕES DO MINISTÉRIO DE JESUS

(10:1-8)

Os apóstolos foram chamados exclusivamente por Cristo e inspirados pelo Espírito Santo. Hoje, os cristãos não possuem essas mesmas características. Todavia, fomos chamados pelo evangelho, e possuímos a Palavra inspirada pelo Espírito. E a grande comissão também é para nós hoje (28:18-20). Assim como os apóstolos, somos extensões do ministério de Jesus. Dizem que “somos as mãos e os pés de Jesus”. Se a obra de Cristo ainda tem que ser finalizada no mundo, isso será feito por Seus discípulos.

David Stewart

OS APÓSTOLOS DE JESUS

(10:2-4)

Jesus escolheu originalmente doze homens para serem Seus embaixadores pessoais (Marcos 3:13-15; Lucas 6:12, 13). Esses homens estiveram com Ele durante todo o Seu ministério – desde o Seu batismo até a Sua ascensão – e serviram de testemunhas da ressurreição (Atos 1:21, 22; 2:32). Matias foi escolhido para substituir Judas, que traiu Jesus e depois tirou a própria vida (Atos 1:15-26). Paulo foi escolhido mais tarde por Jesus como apóstolo (Atos 9:1-22; 1 Coríntios 15:1-11; 2 Coríntios 11:5). Somente catorze homens foram especificamente apóstolos de Cristo.

O termo “apóstolo”, porém, é usado para descrever outros indivíduos no Novo Testamento num sentido diferente. O próprio Jesus é chamado de “o Apóstolo”, sendo o principal exemplo de quem foi enviado numa missão (Hebreus 3:1). Tiago, irmão do Senhor, foi uma testemunha ocular da ressurreição (1 Coríntios 15:7) e exerceu um papel de liderança significativo na igreja em Jerusalém (Atos

15:13–21; 21:17, 18; Gálatas 2:9). Ele é citado como sendo um “dos apóstolos” (Gálatas 1:19). Outro exemplo é Barnabé; ele e Paulo são incluídos entre o grupo de “apóstolos” (Atos 14:4, 14). Esses homens foram enviados a pregar pela igreja em Antioquia, sendo escolhidos para essa missão pelo Espírito Santo (Atos 13:1–3). Outros também são descritos como “apóstolos” ou “mensageiros” porque foram comissionados por uma congregação local para uma tarefa específica (2 Coríntios 8:23; Filipenses 2:25; 1 Tessalonicenses 1:1; 2:6).

PEDRO (10:2–4)

Considerando que Pedro sempre é mencionado em primeiro lugar na lista de apóstolos do Senhor, sugerem alguns que ele foi o principal apóstolo e até “o chefe da igreja”. Este falso conceito também se baseia numa interpretação equivocada da afirmação de Jesus a Pedro, em Mateus 16:18, 19. A Igreja Católica Romana até alega que Pedro foi o primeiro papa. Pedro jamais reivindicou para si tamanha autoridade. Paulo repreendeu Pedro por sua hipocrisia na questão de comer com os gentios (Gálatas 2:11–14) e, mais tarde, Pedro elogiou Paulo por seu profundo conhecimento (2 Pedro 3:15, 16). Além disso, Pedro descreveu-se humildemente como um “presbítero” como os demais presbíteros (1 Pedro 5:1). Nunca houve um “papa” na igreja de Cristo primitiva e Cristo é o único cabeça da Sua igreja (Efésios 1:22, 23; 5:23; Colossenses 1:18).

“PODER DO ALTO” (10:8)

Jesus prometeu aos apóstolos que eles receberiam “poder” do Espírito Santo a fim de serem Suas “testemunhas” (Atos 1:8; veja Lucas 24:49). Um dos poderes, ou “dons”, que receberam foi a capacidade de conceder a outros vários dons do Espírito Santo (1 Coríntios 12:4–11). Nos primeiros capítulos de Atos, fica claro que os apóstolos eram os únicos que podiam fazer isso (Atos 8:14, 15).

Visto que o derramamento espontâneo do Espírito Santo só aconteceu duas vezes (Atos 2 e 10), a única maneira de outros receberem poderes miraculosos do Espírito Santo era através dos apóstolos. Isto acontecia na conjunção da oração e da imposição de mãos de um apóstolo.

Em algum momento após sua conversão (Atos 9), Paulo recebeu dons miraculosos e o poder de

concedê-los a outros. Sendo apóstolo, ele podia impor as mãos sobre novos convertidos e conferir-lhes os dons miraculosos do Espírito (Atos 19:6; Romanos 1:11; 2 Timóteo 1:6). Uma vez agraciado por um dom, parece que o cristão podia buscar outros dons por meio de oração. Paulo escreveu aos coríntios que eles deveriam “procurar, com zelo, os melhores dons”, especialmente para “que profetizassem” (1 Coríntios 12:31; 14:1). Ele incentivou quem falava em outra língua a “orar para que a pudesse interpretar” (1 Coríntios 14:13).

Quando o último apóstolo morreu, o poder para conceder os dons morreu com ele. Os dons miraculosos do Espírito Santo cessaram na terra quando morreu a última pessoa sobre a qual um apóstolo impôs as mãos.

“VIAJE COM POUCA BAGAGEM” (10:9, 10)

Ainda que as restrições específicas registradas em 10:9 e 10 fossem apenas para os apóstolos que receberam aquela comissão limitada, elas nos fornecem pelo menos duas lições importantes, na proporção em que tentamos cumprir a grande comissão do Senhor. A primeira lição é que, assim como os apóstolos tiveram que confiar que Deus proveria o sustento deles na missão, nós também precisamos confiar que Deus cuidará de nós hoje e amanhã. A segunda lição é que bens materiais podem ser um empecilho para a missão de evangelizar o mundo. Hare escreveu:

...a mensagem central dos versículos 9 e 10 é: “Viaje com pouca bagagem”. Transferida para um código moderno, esta mensagem sugere que missionários cristãos devem viver com simplicidade, livres dos excessos do materialismo. Isto se aplica tanto aos que deixam suas casas e seu país para proclamar o evangelho em lugares distantes, quanto aos que querem divulgar a fé com vizinhos em sua terra natal. Não devemos deixar que o excesso de bagagem se interponha no caminho do evangelho.⁴¹

David Stewart

O SUSTENTO DE PREGADORES (10:10)

Alguns se opõem à remuneração de ministros do evangelho. Todavia, Jesus deixou claro que “digno é o trabalhador do seu alimento” (10:10). Paulo não só defendeu que se pagassem pregadores, como ordenou isto: “Se nós vos semeamos as

⁴¹Hare, p. 112.

coisas espirituais, será muito recolhermos de vós bens materiais?” (1 Coríntios 9:11); “Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho que vivam do evangelho” (1 Coríntios 9:14). Pregadores não devem pregar apenas para receber dinheiro, mas devem ser devidamente sustentados.

David Stewart

NÍVEIS DE RECOMPENSA E CASTIGO

(10:15)

Quando discorria a respeito dos que rejeitariam Seus apóstolos, Jesus disse que “menos rigor haverá para Sodoma e Gomorra, no Dia do Juízo, do que para” eles (10:15). “Menos rigor” não implica ausência de castigo. Jesus não estava sugerindo essa ideia. O sentido mais óbvio é que, visto que Sodoma e Gomorra não tiveram o mesmo conhecimento e oportunidade que as cidades visitadas por Jesus e Seus discípulos, seus habitantes não sofreriam um castigo tão severo quanto o dos que rejeitaram a mensagem de Deus. Em outras palavras, quem tem maior oportunidade tem maior responsabilidade (veja Hebreus 10:26–30). A ideia de níveis variados de castigo encontra-se também em outras passagens (11:20–24; Lucas 12:41–48; 20:47).

O Novo Testamento também indica que haverá níveis variados de recompensa ou galardão (5:19; 6:19–21; 18:4; Lucas 19:17–19; 1 Coríntios 3:12–15; 2 Coríntios 9:6; Tiago 3:1). A salvação é, pela graça de Deus, manifestada em Cristo (Efésios 2:8–10); ninguém pode comprar a própria ida ao céu (Romanos 6:23). Todavia, isto não nega o fato de que os cristãos serão avaliados por Deus e que cada um receberá uma recompensa individual. Paulo escreveu: “Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo” (2 Coríntios 5:10; veja Romanos 2:5–11; 14:10–12; 1 Coríntios 4:5; Apocalipse 20:11–15). A avaliação divina dos feitos do cristão determinará a qualificação da recompensa.

ENFRENTANDO OPOSIÇÃO (10:16–23)

Jesus predisse que Seus discípulos enfrentariam perseguição de três frentes: do sistema religioso operante, do governo e de familiares. Em níveis diferentes, os cristãos ao redor do mundo podem experimentar oposição dessas mesmas frentes.

O Sistema Religioso Vigente. Quem vive em lugares onde há uma religião estatal pode enfrentar essa hostilidade. Pode ser até que alguns que se dizem “cristãos” odeiem outros que se dizem “cristãos”. Aqueles que se empenham em ser “cristãos somente” geralmente são os mais desprezados.

O Governo. Quem vive em regiões onde o governo não permite liberdade de religião são forçados a se reunir privada e ilegalmente, correndo o risco de serem presos, açoitados e encarcerados. Em outros casos, cristãos que falam abertamente contra imoralidade e injustiça sofrem oposição do governo.

Os Familiares. Alguns são ridicularizados por serem cristãos pela própria família. As diferenças em valores morais e prioridades costumam fomentar conflito. Em alguns casos extremos, crenças são renegadas por parentes.

David Stewart

A PREPARAÇÃO DE UM SERMÃO

(10:20)

Jesus prometeu inspiração divina do Espírito Santo aos apóstolos. Mounce escreveu: “Infelizmente, este versículo tem sido usado por muitos pregadores como desculpa para não prepararem adequadamente o sermão dominical”⁴². Hoje, não temos o dom da inspiração; antes, precisamos estudar a Palavra de Deus inspirada. Jimmy Allen costumava dizer a seus alunos da Harding University, em Searcy, Arkansas: “Os apóstolos receberam isto por inspiração; nós, por transpiração”.

David Stewart

⁴²Mounce, p. 94.

Autor: Sellers Crain

© Copyright 2013 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS